

CORONA VÍRUS E A LUTA DE CLASSES

Luiz Felipe Rodrigues [1]

Juliana Luquez [2]

Aos 17 dias do mês de março de 2020, no campus da UEMS/Jardim, fomos convocados para uma reunião extraordinária com pauta única: suspensão das atividades acadêmicas presenciais em virtude da crise sanitária. Na ocasião a suspensão se daria pelos 30 dias decorrentes. Até a submissão dessa resenha, já estávamos há quase 6 meses de quarentena e confinamento impostos pelo SARS-CoV-2, o novo coronavírus, responsável pela pandemia de COVID-19. Não ocupamos os laboratórios essenciais da descoberta da cura para essa doença que acomete muitos em vários pontos do planeta, mas temos uma missão também científica: analisar e discutir as formas de reprodução social, fornecer dados e descrever a realidade dessa reprodução no âmbito das aglomerações metropolitanas, cidades menos densas, comunidades tradicionais, etc. Além de analisar os impactos dessa pandemia nas relações sociais de produção. Cabe a nós, questionar o porquê dessa pandemia aparecer para a humanidade atual como um evento inesperado. Inesperado, pois o caos instaurado aponta que praticamente nenhum país estava preparado para uma pandemia nessa magnitude, e inesperado também, porque presenciamos um considerável contingente de pessoas que ainda insiste em não crer na gravidade desse vírus, agindo na contramão das medidas de isolamento e distanciamento social, o que está alongando e muito a quarentena. Ao mesmo tempo, efeitos de crise sistêmica oriundos de um modo de produção sociometabólico autodestrutivo, como a precarização do trabalho, a privatização de bens públicos como a saúde, a violação dos direitos humanos e da natureza e o acirramento das desigualdades já estavam em curso e ganharam mais velocidade com a pandemia – esta

[1] Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Docente vinculado à Coordenação do Curso de Geografia da UEMS/Jardim.

[2] Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente vinculada à Coordenação do Curso de Geografia da UEMS/Jardim.

que também pode ser considerada um resultado desses efeitos. Isso implica análises da totalidade em que esse evento pandêmico está inserido, ou seja, compreender a interrelação da pandemia com as diversas questões que já delineavam a crise societária.

Mas, afinal, quais são os processos e questões mais amplos deflagrados e aprofundados na pandemia? A resenha aqui apresentada cumpriu o propósito de discutir essa questão no âmbito das disciplinas que lecionávamos à época da suspensão das atividades presenciais e imediata adequação ao ensino emergencial remoto (não sem críticas o fazemos!). A compilação de artigos escritos por pesquisadores do campo crítico do pensamento social, lançada pela Editora Terra Sem Amos, apresenta poderosas reflexões sobre a pandemia da COVID-19 na atual crise do capitalismo e das históricas contradições da luta de classes; estas tornaram-se preocupações elementares das cadeiras de Geografia Urbana, Organização do Espaço Mundial e Dinâmicas Populacionais nesse contexto.

O livro *Coronavírus e a luta de classes*, com escritos de Mike Davis, David Harvey, Alain Bihr, Raúl Zibechi, Alain Badiou e Slavoj Žižek, nos lança algumas luzes na direção de uma análise dialética do fenômeno, ou seja, reconhecer as contradições e identificar os possíveis caminhos de superação. Podemos considerar dois principais pressupostos que permeiam a discussão deste livro. Primeiro, a compreensão do fenômeno do novo Coronavírus implica considerar, além de seu caráter biológico, suas condicionantes sociais. E o segundo, entender que o capitalismo, sistema socioeconômico dominante o qual é gerido pela lógica do lucro, reproduz uma sociedade dividida em classes desiguais. Os autores são categóricos: um outro mundo está sendo gestado! E quais os caminhos possíveis? Essa é a problemática que se impõe: um novo pacto civilizatório!

Os autores apresentam alguns aspectos importantes para pensarmos o contexto da pandemia que nos fazem (re)pensar a constituição da sociedade neoliberal e sua derrocada. São alguns aspectos:

- A privatização da saúde e a falta de investimentos em pesquisas científicas e na educação pública, que, nesse momento, fazem com que não tenhamos mecanismos eficientes e suficientes para lidar com a pandemia que se alastra;
- Os resultados do funcionamento do sistema econômico em níveis escandalosos de desigualdade e de concentração de renda que im-

pacta diretamente na condição da reprodução social das classes;

- O legado da austeridade fiscal e consequentes reduções orçamentárias em áreas essenciais da reprodução social, como por exemplo, saúde, educação e ciência, moradia, ampliação dos serviços básicos de saneamento;
- A espiral de expansão e crescimento sem fim do atual modelo econômico e a dinâmica global da economia não foram postos à prova de resistência com a pandemia: a economia global já se encontrava em péssimas condições.

Portanto, a discussão sobre a pandemia do novo Coronavírus implica refletirmos, de forma mais ampla e interseccionada, questões socioeconômicas e políticas que ordenam o espaço mundial. Davis, Harvey e Bihl, por exemplo, denunciam as políticas de austeridade que implicaram em cortes realizados nas esferas da saúde, da pesquisa e da educação. Essas medidas, impostas para responder aos interesses de setores privados que agem na lógica do lucro, fragilizando (e até impedindo) o desenvolvimento de medidas de proteção necessárias que permitiriam ações mais eficientes nos casos de pandemias e outras catástrofes. Davis e Bihl criticam a existência de uma indústria altamente competitiva ligada à privatização da saúde. Este último destaca que a saúde é um bem público, pois, o estado saudável de uma pessoa depende, primordialmente, do corpo social e de suas instituições políticas que devem proporcionar meios necessários para assegurá-lo. Harvey aponta que a força de trabalho que está na linha de frente para o cuidado com os números crescentes de doentes e para a manutenção de setores de provisão como os supermercados, é altamente sexista, racializada e etnizada, revelando uma “pandemia de classe, de gênero e de raça” (p. 21).

No artigo escrito por Zibechi, o autor demonstra preocupação com as medidas de controle e vigilância intensivas que vêm ganhando força nos últimos tempos, cunhando para sua análise o termo “militarização das crises”. As circunstâncias de isolamento forçado, dada a quarentena proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como medida mais eficiente para a diminuição do contágio da COVID-19, para o autor, pode constituir um terreno fértil para o desenvolvimento de formas militarizadas de controle populacional e de gestão de crises, representando um laboratório de engenharia social que seria útil para as elites de todo o planeta um arranjo tecnológico dos mecanismos de dominação.

Uma outra questão importante apontada no livro está associada aos imperativos da globalização. Alain Badiou pontua que a ascensão e a presença universal da economia chinesa no mercado mundial acarretou em diversas redes globais de difusão do vírus, já que, o mercado mundial capitalista depende de uma rápida e incessante circulação. O autor também faz uma crítica ao fato de os Estados nacionais tentarem conter localmente essa difusão, sendo que a pandemia é transversal, o que implicaria ações de instituições transnacionais na linha de frente. Para Badiou a “epidemia é também um momento em que a contradição entre economia e política se torna flagrante” e os “Estados nacionais tentam enfrentar a situação epidêmica respeitando o máximo possível os mecanismos do Capital, ainda que a natureza do risco os obrigue a modificar o estilo e as ações do poder” (p. 39). O autor se posiciona cético sobre uma possível superação dessa contradição.

Nisso, podemos considerar o problema que reside nas diferenças de mediação de cada país frente à pandemia – posições contrárias às orientações da OMS por parte de alguns governos, por exemplo, podem constituir ameaças globais. É conveniente aqui a posição de Žižek, que, no último artigo do livro, destaca a necessidade de uma organização global capaz de mediar e regular a economia e limitar a soberania dos Estados-nação em situações necessárias. O autor salienta a importância de organizações mundiais como a OMS e do estabelecimento de uma coordenação global eficiente, pois, para além da pandemia, precisamos prever outras catástrofes, como as ligadas às condições climáticas influenciadas pelas ações antrópicas. Žižek lamenta o fato de precisamos de uma catástrofe para podermos repensar a sociedade em que vivemos e promover uma solidariedade global. Diante dessa realidade, Žižek enxerga efeitos secundários potencialmente benéficos da pandemia e que apontam para a redenção somente por meio de uma mudança radical.

Referências

HARVEY, David; ZIZEK, Slavoj; BABIOU, Alain; DAVIS, Mike; BIHR,

Alain; ZIBECHI, Raúl. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem amos, 2020.

